

## AS FOTOGRAFIAS COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DAS ESCOLAS RURAIS EM UBERLÂNDIA (1933-1959)\*

*Pictures as a source for history of country schools in Uberlândia (1933-1959)*

Sandra Cristina Fagundes de Lima\*\*

### RESUMO

Este texto fundamenta-se nos pressupostos da História Cultural para discutir o emprego da fotografia como fonte para os estudos e pesquisas em História da Educação. Apresenta inicialmente uma discussão teórico-conceitual relativa à questão das fontes iconográficas e, em seguida, analisa, por meio das fotografias pertencentes ao acervo fotográfico que compõe a Coleção Professor Jerônimo Arantes, as representações construídas dos estabelecimentos de ensino situados na zona rural de Uberlândia durante os anos de 1933 a 1959. A pesquisa contempla a caracterização, origem e finalidade das fotografias, as representações dos alunos, professores e do próprio Jerônimo Arantes, enquanto proprietário do acervo. As imagens analisadas possibilitam identificar alguns aspectos das escolas retratadas e ir ao encontro dos elementos que conformaram a cultura escolar do município; propiciam ainda compreender as representações e práticas produzidas pelos sujeitos das escolas rurais e aquilatar o papel dessas instituições no processo de escolarização da sociedade local.

**Palavras-Chave:** Fotografias. Escolas Rurais. Cultura Escolar. Representações. História da Educação.

### ABSTRACT

This study is based on Cultural History presupposes to discuss the use of pictures as a source for studies and researches in Education History. It presents, in the beginning, a concept discussion about the iconography sources. It analyzes, then, the representations built about the country schools in Uberlândia during 1933 and 1959 using pictures that belong to Jeronimo Arantes' Archive. This search regards the pictures characterization, reason and finality, students, teachers and Jeronimos Arantes' representations, this last one as the owner of the archive. The photographs analyzed allow us to identify some aspects of the schools in question and they present elements that conformed the scholar culture in Uberlândia, besides, they appease the comprehension of the representations and customs produced by the subject in the country schools and evaluate the importance of those institutions in the local society educational process.

**Key words:** Pictures. Country Schools. Scholar Culture. Representations. Education History.

---

\* Este texto resulta da conclusão da primeira etapa do projeto de pesquisa intitulado: Professores e alunos: um minuto para a foto... As representações da escola rural produzidas pelas fotografias do acervo de Jerônimo Arantes, desenvolvido no âmbito do PIBIC/UFU e financiado pela FAPEMIG por meio da concessão de uma bolsa de iniciação científica à aluna Angélica Pinho Martins Rocha, curso de Pedagogia – FAGED/UFU.

\*\* Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Contatos: sandralima@ufu.br

*As fotografias, em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são os elos documentais e afetivos que perpetuam a memória. A cena gravada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. As personagens retratadas envelhecem e morrem, os cenários se modificam, se transfiguram e também desaparecem. O mesmo ocorre com os autores-fotógrafos e seus equipamentos. De todo o processo, somente a fotografia sobrevive.*

Kossoy

O emprego da fotografia, seja como indício seja como objeto para as pesquisas em história, pode ser situado no contexto marcado pelos deslocamentos obtidos pela historiografia nas últimas décadas, tanto no que diz respeito à seleção dos objetos e ao levantamento das problematizações, quanto no que tange ao tratamento conferido às fontes. Conforme assinalou Borges, “Por ser portadora de características tão distantes do conceito de documento próprio da historiografia metódica, a fotografia foi alijada da pesquisa histórica. Sua inclusão nesse universo dependia, pois, de uma mudança do paradigma histórico” (2005, p. 31). Com essa mudança, crianças, mulheres, trabalhadores informais, pessoas anônimas, afetos e sensibilidades foram algumas das temáticas que os historiadores inseriram no rol de suas pesquisas e que passaram a exigir uma renovação nos documentos até então buscados. Dessa forma, adquiriram relevância os depoimentos orais, a literatura, a correspondência pessoal, a iconografia e todos os demais vestígios legados pelas gerações que nos antecederam.

Esses deslocamentos engendrados, em parte, pelas transformações sociais que atravessaram o globo de leste a oeste, impossibilitaram a pretensa interpretação cristalizada e puramente objetivada da história, que resultaria em um (pseudo) resgate do passado tal qual ele teria ocorrido. Esgotaram-se modelos e também “... um regime de verdades e de explicações globalizantes, com aspiração à totalidade, ou mesmo de um fim para as certezas normativas de análise da história, até então assentes” (PESAVENTO, 2005, p. 8-9). Desta feita, as modificações incorporadas pela historiografia, concernentes aos seus pressupostos epistemológicos e ao tratamento metodológico do objeto de pesquisa, aceleradas sobretudo após a entrada em cena dos historiadores franceses ligados à Revista dos Annales, acenaram com a possibilidade de compreender que as análises do passado, ainda que caracterizadas por uma pesquisa abrangente, são sempre limitadas e, por conseguinte, permanecem abertas a inúmeras problematizações. De acordo com Bloch (s.d., p. 55), “O passado é, por definição, um dado que coisa alguma pode modificar. Mas o conhecimento do passado é coisa em progresso, que ininterruptamente se transforma e se aperfeiçoa”.

O envolvimento existente entre o historiador e o passado fundamenta-se em uma perspectiva questionadora, marcada pela constante possibilidade de recompor as análises realizadas, pois, aos testemunhos, sejam eles textuais, iconográficos e/ou procedentes da oralidade, subjazem motivos, intenções e desejos que concorreram para a sua produção. Nesse sentido, o diálogo proposto com as fontes há muito não tem a pretensão de reconstruir literalmente a realidade vivida e construída pelos sujeitos históricos, pois, conforme ressaltou Le Goff:

*(...) não apenas é impossível para um historiador ressuscitar integralmente o passado, como não é esse o seu objetivo. A história, mesmo que recorra a uma escrita, à narrativa, a retratos, permanece um esforço de explicação. Mergulhar no passado como está implicado na idéia de ressurreição integral é uma empresa que não apenas é vã e ilusória, como anticientífica. Temos que tentar reencontrar o sabor do passado, a vida, os sentimentos, as mentalidades de homens e mulheres, mas em sistemas de exposições e interpretações de historiadores do presente (1998, p. 103).*

Dessa renovação no campo epistemológico derivou uma ampliação no rol das fontes

empregadas pelos historiadores. Os documentos oficiais e escritos, depositados em cartórios, paróquias, arquivos e demais instituições perderam a hegemonia de que gozavam no âmbito de uma historiografia cujos personagens, segundo Rancière (1994), eram denominados por nomes próprios. Ao se buscar o entendimento de outros modos de vida, de cotidianos pertencentes a pessoas destituídas de posses e de poder político, sem projeção social, enfim, uma multidão até então anônima, os historiadores tiveram que se servir de outros registros: história oral, correspondência pessoal, processos-crime, literatura, música, cinema, pintura, fotografia, enfim, todos os vestígios que constituem a história tornaram-se matéria-prima para o trabalho dos historiadores.

Esses deslocamentos operados no âmbito da escrita e da própria concepção de história devem ser situados, em parte, no contexto de incorporação dos pressupostos teóricos e de instrumentos metodológicos oriundos da história cultural. Dessa forma, apreender a dimensão cultural do fazer cotidiano, e mais, buscar a cultura “... como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2005, p. 15) tem possibilitado uma compreensão dilatada das representações e das práticas implementadas pelos sujeitos para além dos domínios de recortes estreitos do político e do econômico, que ora opunham dicotomicamente uma cultura erudita e outra popular ora aprisionavam a cultura na esfera da superestrutura apresentado-a como simples reflexo da infra-estrutura.

Situado, então, nesse processo de alargamento do campo de pesquisa do historiador, o trabalho realizado com o emprego das fontes iconográficas foi encaminhado tendo em vista buscar o mesmo diálogo que se espera estabelecer com os livros, jornais e revistas. Esta é, inclusive, uma das propostas formuladas por Ferro (1986, p. 203) ao analisar o emprego da iconografia, no caso o cinema, como fonte para a pesquisa histórica. De acordo com este historiador, é necessário “Partir da imagem, das imagens. Não procurar somente nelas exemplificação, confirmação ou desmentido de um outro saber, aquele da tradição escrita”.

Assim, as fotografias não devem ser empregadas apenas para ilustrar uma dada realidade e/ou tão somente para corroborar uma hipótese. “Quando as imagens visuais, dentre elas a fotografia, são utilizadas como fontes de pesquisa histórica, é porque funcionam como mediadoras e não como reflexo de um dado universo sociocultural” (BORGES, 2005, p. 18). Portanto, tal qual ocorre no que diz respeito aos demais documentos, o seu emprego deve ter em vista a necessidade de problematizá-las, de também buscar as intenções que lhe são subentendidas, de apreender o universo que elas representam, pois, de acordo com Samuel: “Fotos, se vamos usá-las como ilustração histórica, ou como evidência empírica sobre o passado, necessitam da crítica histórica” (1997, p. 62). Cardoso, ao tratar da iconografia como fonte, também ressalta que, embora haja especificidades no emprego das imagens, não se deve perder de vista a necessidade de sempre problematizá-las. Para o autor: “... a crítica dos testemunhos não escritos não difere, na sua essência, da crítica histórica tradicional” (1990, p. 17). Burke enfatiza igualmente a necessidade de problematizar as imagens ao empregá-las como evidência histórica. Para ele, os historiadores “... precisam desenvolver métodos de 'crítica das fontes' para imagens exatamente como o fizeram para os textos, interrogando estas 'testemunhas oculares' da mesma forma que os advogados interrogam as testemunhas durante um julgamento” (2004, p. 2).

Além da necessidade de serem interrogadas, tal como procedemos em relação às demais fontes, às fotografias devem somar outros indícios de pesquisa, tais como, o conjunto da produção escrita (correspondência pessoal, escrituras, certidões cartoriais, poesias, romance e outros) e os depoimentos orais deixados pelos sujeitos pesquisados. Barros, ao investigar fotografias com motivos escolares, ressalta esta questão: “As fotografias, portanto, podem transformar-se em fontes históricas iconográficas, possibilitando a pesquisa sobre o mundo escolar em determinada época e espaço (...), desde que relacionados a fontes de outras naturezas (escritas, orais etc.)” (2005, p. 129).

Tentando, pois, não perder de vista as advertências sobre os limites e as possibilidades que os usos da fotografia engendram e, sobretudo, evitando incorrer nos abusos que podem ser praticados com o emprego da iconografia, o texto que apresentamos a seguir traz os resultados da primeira etapa de um projeto que envolve o emprego da fotografia como fonte para a pesquisa sobre as instituições escolares rurais do município de Uberlândia. Na seqüência, apresentaremos as características do acervo pesquisado e analisaremos algumas imagens tendo em vista apreender algumas representações produzidas.

Durante o período em que atuou na fiscalização dos trabalhos realizados nas escolas municipais, primeiro como inspetor de ensino, depois como chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município (SESM) – órgão da Prefeitura Municipal de Uberlândia (PMU), Jerônimo Arantes formou uma coleção de fotografias (Coleção Professor Jerônimo Arantes – CPJA) que soma um total de 1269 imagens e hoje está depositada no Arquivo Público de Uberlândia (APU).

Das fotografias que compõem a coleção de Jerônimo Arantes, selecionamos para a pesquisa 577 imagens que retratam o ambiente escolar, pois são registros de escolas, alunos e professores dos estabelecimentos de ensino instalados no meio rural e mantidos pelo município de Uberlândia. Embora trabalhando com o conjunto dessas imagens ainda não analisamos a sua totalidade. Na fase em que a pesquisa se encontra dedicamo-nos a investigar a trajetória do acervo, a história de sua formação, a origem das fotografias, bem como a finalidade de seus usos. Nesse sentido, o objetivo deste texto é analisar, por meio das fotografias, as representações construídas dos estabelecimentos de ensino situados na zona rural de Uberlândia no período que compreende os anos de 1933 a 1959, atentando para os seguintes aspectos: caracterização, origem e finalidade do acervo, representações dos alunos, professores e do próprio Jerônimo Arantes, enquanto proprietário do acervo.

O acervo fotográfico que compõe a CPJA perfaz um total de 1269 fotografias. Deste total, 577 imagens referem-se a prédios escolares, alunos, professores e desfile escolar. Há também muitos retratos, somando, nesta temática, um total 460 fotografias. As demais fotos se referem a casas comerciais, cinemas e clubes recreativos, comunicação, esportes, eventos, fazendas e chácaras, hospitais, hotéis, igrejas, indústrias e fábricas, instituições bancárias, instituições sociais, monumentos, outras localidades, paisagens, política e políticos, pontes, estradas e rodovias, postos de gasolina, praças, recreação, residências, ruas e avenidas, serviços públicos, trabalhadores rurais, transportes e vista parcial da cidade.

As fotografias da CPJA não receberam nenhuma forma de identificação de seu proprietário/colecionador, salvo poucas exceções em que aparecem a denominação da escola fotografada. Ao ser adquirida pela Prefeitura de Uberlândia, a referida coleção estava desprovida de etiquetas e ou de quaisquer outros vestígios que possibilitassem sua imediata identificação, sobretudo no que diz respeito ao período retratado. No entanto, este trabalho tem sido possível tanto pelos projetos desenvolvidos no Arquivo quanto pelas pesquisas em andamento que se utilizam da CPJA como fonte e também pela consulta à revista *Uberlândia Ilustrada*.

Em relação ao primeiro aspecto, o trabalho de reconhecimento das fotografias tem sido realizado pelos pesquisadores do APU por meio do desenvolvimento de um projeto denominado *Identificando o Passado*, que consiste em uma parceria da PMU com o jornal *Correio de Uberlândia*. O desenvolvimento desse projeto ocorre todas as quintas-feiras quando, então, é publicada uma das fotografias da referida coleção no caderno *Revista* daquele jornal acompanhada de um convite para o leitor que conhecer fatos, personagens e locais relativos à cena retratada, entrar em contato com o Arquivo para informar os dados que, porventura, possuir. Conquanto moroso, posto que permanece dependente da iniciativa de pessoas da comunidade entrarem em contato com a Instituição para socializarem as informações que possuem acerca das imagens, o projeto apresenta resultados favoráveis, uma vez que os leitores telefonam e/ou comparecem pessoalmente para contar o que sabem a respeito da imagem publicada (LOPES, 2006).

Uma outra estratégia por meio da qual se torna possível identificar algumas imagens consiste nas pesquisas realizadas sobre a cidade de Uberlândia que empregam as fotografias como fonte (ALVES, 2004; CARRIJO, 2002; REDUCINO, 2003). Embora ainda não apresentando uma quantidade significativa de trabalhos, nestas dissertações é possível encontrar algumas fotos com identificação.

Por fim, a consulta às ilustrações da revista *Uberlândia lustrada*, publicada por Jerônimo Arantes no período de 1936 a 1961, também pode ser utilizada como ferramenta para identificação da coleção. Ao analisarmos a história da produção e da trajetória desse periódico constatamos que algumas das fotografias que fazem parte da CPJA foram doadas com o fim de serem publicadas na Revista e ao serem publicadas no periódico foram acompanhadas de elementos que possibilitam identificar pessoas, lugares e, às vezes, datas.

Quanto à origem desse acervo, concluímos na consulta aos demais documentos da CPJA que a maior parte dele formou-se durante as décadas de 1930 a 1950, período em que Arantes esteve à frente da administração do serviço educacional no município (1933 a 1959) e em que publicou a revista *Uberlândia Ilustrada* (1936 a 1961). O processo pelo qual Arantes obteve essas fotografias pode ser classificado em duas formas diferentes, a saber: uma consistiu em doação e a outra resultou de iniciativa do colecionador ao levar consigo um fotógrafo para registrar a solenidade dos exames finais aplicados aos alunos do ensino rural.

No que diz respeito à doação, constatamos pela análise da correspondência de Arantes, que determinados retratos e clichês lhe foram doados por amigos residentes na região mineira. No início da década de 1940, por exemplo, o educador Honório Guimarães enviou carta a Jerônimo Arantes para agradecer-lhe a homenagem recebida na *Uberlândia Ilustrada*, informar sobre os projetos que estava desenvolvendo na capital mineira e comunicar que lhe enviaria alguns clichês, assim que encontrasse “portador seguro” (GUIMARÃES, 1941). No mesmo período, outro amigo escreveu a Jerônimo Arantes para esclarecer um mal entendido que havia ocorrido entre ambos e comunicar-lhe que em breve enviaria, conforme solicitado, uma fotografia sua a fim de ilustrar a próxima edição da *Uberlândia Ilustrada* (GUIMARÃES, 1942). Na década posterior, Arantes recebeu carta de mais um amigo por meio da qual este lhe fornecia dados sobre a história do atletismo em Uberlândia e enviava-lhe fotografias do primeiro campeonato de atletismo realizado na cidade e também cópia da ata de instalação da Sociedade Esparta-Brasileira (PAES LEME, [195-]). Há também em 1958 uma outra carta arquivada na correspondência de Arantes por meio da qual o remetente envia-lhe, conforme solicitado, fotografia a fim de ilustrar a homenagem programada para a próxima edição da *Uberlândia Ilustrada* (SILVEIRA, 1958).

Quanto à segunda forma de obtenção das fotografias, pelo depoimento de Delvar Arantes (2000), filho de Jerônimo Arantes, concluímos que as fotos das escolas rurais resultaram da iniciativa de seu pai em produzir o registro iconográfico dos estabelecimentos de ensino rural fiscalizados por ele. Segundo relatou Delvar Arantes, seu pai transportava junto com a comitiva do SESM o fotógrafo da prefeitura, Marinho Lozzi, encarregado de documentar por meio das imagens fotográficas as escolas visitadas. Produziam-se, então, imagens externas dos prédios escolares, dos professores, alunos, familiares e demais membros da comunidade rural presentes à solenidade de realização dos exames finais.

Pela imprensa local também constatamos a presença desse fotógrafo. Os documentos pesquisados freqüentemente apresentam comentários acerca da recepção oferecida pela comunidade escolar das fazendas visitadas às autoridades do meio educacional do município que iam inspecionar as provas dos exames finais dos alunos e, por meio deles, comprovamos também a realização de sessão fotográfica. Tal sessão parecia ser muito valorizada por Arantes, pois, além de ficar registrada em ata, no ano de 1946, ao documentar os exames realizados na Escola Pública Municipal de Dourados, ele assim mencionou: “Pelo fotógrafo da banca foi retratado o aspecto festivo onde compareceu grande número

de pessoas residentes no meio, dando brilho às solenidades do encerramento das aulas nesta importante escola rural” (UBERLÂNDIA, 1946).

Conquanto a consulta à documentação tenha possibilitado, de um lado, conhecer a origem da coleção de fotografias de Arantes, de outro lado o resultado da pesquisa abriu um leque de interrogações acerca da segunda forma de obtenção das fotos. As fotografias foram tiradas pelo fotógrafo da prefeitura e, portanto, deveriam ter sido arquivadas no acervo da instituição, no entanto foram encontradas na coleção particular de Arantes. Como foram parar ali? Segundo depoimento de Delvar Arantes, o fotógrafo teria doado o resultado de seu trabalho a Arantes. Mas daí emerge outra questão: se o fotógrafo trabalhava para a prefeitura, as imagens que produziu pertenciam àquela instituição e não ao seu autor, como, então, ele teria doado algo que não lhe pertencia? As respostas para estas questões ainda não foram encontradas, mas levantamos a seguinte hipótese: será que por ser funcionário público, exercendo cargo de confiança do prefeito, Arantes achou-se no direito de guardar com ele documentos oficiais, não separando o domínio público do privado? Não possuímos pistas suficientes para responder com certeza a essa questão; no entanto, se, de fato, a indeterminação entre o público e o privado foi um dos fatores que o levou a se apropriar da documentação pública, isso não seria uma característica apenas sua, pois a imprecisão das fronteiras entre o público e a esfera privada é do domínio comum, tendo sido apontada por Holanda como sendo um dos traços definidores de alguns homens que ocuparam funções públicas no Brasil. Influenciados pela cultura patriarcal, aqueles teriam se deparado com muitas dificuldades para estabelecer os limites entre um e outro domínio.

*No Brasil, pode dizer-se que só excepcionalmente tivemos um sistema administrativo e um corpo de funcionários puramente dedicados a interesses objetivos e fundados nesses interesses. Ao contrário, é possível acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal* (HOLANDA, 1991, p. 106).

De fato, por meio da análise da documentação consultada, inferimos que, como os temas retratados nas fotografias não eram considerados assuntos polêmicos, que talvez interessasse manter em sigilo, Arantes os teria guardado para documentar suas próprias pesquisas acerca da história local. O interesse particular, nesse caso, teria sobrepujado os fins objetivos e definido a conduta do funcionário público, em uma atitude que, de fato, não seria exclusiva de Arantes.

Assim como o processo de formação da coleção destas fotografias caracterizou-se por formas diferenciadas de aquisição e apropriação, o seu uso teve em vista atender a necessidades diversificadas de Arantes. De um lado, as fotografias foram utilizadas, tal qual a documentação avulsa, para documentar o trabalho de pesquisa desenvolvido por Arantes acerca da história da cidade, desta forma empregou-as na elaboração da *Uberlândia Ilustrada* e nos livros que escreveu; de outro lado, as imagens serviram-lhe para registrar o trabalho que desenvolvia na fiscalização das escolas municipais e, por conseguinte, consubstanciaram-se na fonte empregada para edificar a memória acerca de sua atuação na história educacional do município.

No que diz respeito ao primeiro aspecto, as fotografias serviram em grande parte como recurso ilustrativo para a revista *Uberlândia Ilustrada*; periódico repleto de imagens em todos os números publicados. Antes de editar algum número da *Uberlândia Ilustrada*, Arantes separava os originais e os enviava para São Paulo a fim de que fossem produzidos clichês para serem revelados e impressos em seu periódico. Em sua correspondência pessoal encontramos diversas cartas recebidas tratando da confecção desses clichês e contendo especificações para a sua elaboração, quantidades e valores pagos.

Além de empregá-las na revista, as fotografias eram valorizadas por Arantes como ilustração de seus livros; pois, em todos eles, os temas tratados eram acompanhados de imagens. Mesmo aqueles não publicados, que são maioria, estavam repletos de fotos. Quando estas não se encontravam presentes, o autor reservava um espaço na página para fixá-las, no qual expunha uma legenda informando quais fotos empregaria.

Uma outra destinação conferida por Arantes ao seu acervo fotográfico consistiu na construção de um registro visual das escolas públicas municipais e, por conseguinte, na constituição de um acervo documental sobre a sua atuação na fiscalização daqueles estabelecimentos de ensino. Nesse sentido, a fotografia foi um instrumento largamente empregado por Arantes, cuja utilização lhe serviu para construir uma dada representação de si próprio e da escola pública municipal em Uberlândia.

Se contássemos apenas com algumas imagens fotográficas como registros das atividades escolares existentes no meio rural em Uberlândia, no período em que Arantes foi inspetor de ensino e depois chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município, ficaríamos com a impressão de que a escola rural ignorava a escassez de verbas, seus professores eram bem remunerados e abundavam recursos nas famílias dos alunos nela matriculados. No entanto não era essa a realidade que emergia dos documentos à medida que nos aprofundávamos na pesquisa; ou, pelo menos, não era essa a realidade da maioria das escolas rurais aqui existentes.

As fotografias foram tiradas a partir de uma seleção cuidadosamente elaborada por Arantes, tendo como critério de escolha documentar apenas os estabelecimentos instalados nas regiões mais prósperas — habitadas por alguns camponeses portadores de maiores recursos — e que, notadamente, recebiam verbas e maiores investimentos públicos, denotando, segundo Kossoy (2002), a "sucessão de escolhas" pela qual passa o assunto na imagem fotografada.

É comum defrontar nessas fotografias um cenário e uma situação recorrentes, a saber, quase todas retratam os prédios das escolas pelo lado externo e o conjunto de seus alunos e corpo docente em poses nada espontâneas; em várias delas o professor Arantes deixou-se fotografar entre os escolares. A ocasião fotografada parecia sempre caracterizada por um momento solene e festivo, pois os alunos eram flagrados em trajes pouco usuais para a vida que levavam no campo: os meninos de paletó e sapatos, as meninas, por sua vez, usavam vestidos rodados, sapatos e meias. Outras vezes apareciam com uniformes cuidadosamente preparados, que incluíam sapatos, meias, saias e camisas de manga e gravatas para as meninas e sapatos, meias, gravatas e chapéu para os meninos.

Além do traje, a solenidade da foto podia ser verificada também pela falta de espontaneidade com a qual era retratada a comunidade escolar. Conforme ressaltou Borges: “A rigidez das posturas é outro sinal da artificialidade da situação gerada pela presença de estranhos: a máquina e o fotógrafo” (2005, p. 56). Mas além desse fator, não devemos desconsiderar que as poses quase estáticas das posturas também se relacionavam com os limites apresentados pela técnica e pelos equipamentos fotográficos de então, pois a câmera fotográfica de tamanho reduzido, denominada Leica, que utilizava filme de rolo (o mesmo empregado pelo cinema) e possibilitava “... sacar 36 fotos sem necessidade de ser recarregada” (Borges, 2005, p. 119) só foi criada em 1925. As novidades tecnológicas demoravam muito para penetrar no Brasil interiorano e podemos supor que nos anos de 1930 e 1940 a câmera utilizada em Uberlândia pelo fotógrafo Marinho Lozzi não era ainda a compacta Leica criada por Oskar Barnark.



Figura 1 – Escola Municipal Rural de Caetanos. Sem data. CPJA. APU

Na maior parte das imagens registradas, os alunos encontravam-se sempre enfileirados, às vezes, alguns permaneciam sentados, obedecendo a uma ordem de tamanho e uma divisão por sexo, as meninas de um lado e os garotos de outro; em outras fotos ou eles estão de mãos dadas ou apresentam os braços rigidamente estendidos ao longo do tronco. Separando as fileiras, sentados ao centro (ora na primeira fila ora no ponto mais elevado do cenário) encontravam-se os professores e demais autoridades que, sempre bem vestidas, conservavam um ar de aprovação.



Figura 2 – Escola Municipal não identificada. Sem data. CPJA, APU

Além de esses exames significarem uma cerimônia oficial, para cuja realização concorriam todos os esforços dos alunos e dos professores das escolas rurais, revestiam-se de uma outra conotação que se caracterizava pelo aspecto inusitado da ocasião, alterando a rotina dos trabalhos, fossem aqueles realizados no interior da escola, fossem aqueles executados na lavoura e nas residências dos agricultores. Naqueles momentos as escolas preparavam-se para receber autoridades que comumente não as freqüentavam, tais como diretores de escolas, professores e inspetores de ensino provenientes da cidade. Daí, o prestígio do evento, a presença de familiares, amigos e vizinhos no momento inusitado e o registro fotográfico da ocasião, pois “As fotos oficiais também remetiam a eventos solenes – desfiles, homenagens, formaturas, visitas de personalidades, datas cívicas” (BARROS, 2005, p. 122).



Figura 3 – Escola Municipal não identificada. Sem data. CPJA, APU

Nessas ocasiões, os professores procuravam acrescentar à exposição dos resultados dos trabalhos desenvolvidos ao longo do ano, as atividades escolares realizadas pelos alunos, e esses, por sua vez, contribuía mantendo a disciplina e apresentando-se uniformizados. Em 1942, consta em uma das atas a seguinte informação: “No recinto do salão figuram trabalhos dos escolares, lindos desenhos e mapas, demonstrando o esforço da dedicada professora da cadeira e capricho dos alunos. A escola está com o uniforme oficial e notando-se ótima disciplina e correção nos trabalhos escolares” (UBERLÂNDIA, 1942, p. 5).

Esses trabalhos eram organizados pelo professor da escola e exibidos à banca de avaliação dos alunos durante a realização dos exames finais. Como faziam parte do ritual festivo que marcava a instituição naquele momento, o resultado do esforço dos alunos e, é claro, da diligência dos professores também era documentado pelo fotógrafo que acompanhava Jerônimo Arantes em sua visita às escolas rurais, conforme imagem apresentada na seqüência.



Figura 4 – Exposição de trabalhos da Escola Municipal Rural de Paranan. Sem data. CPJA, APU

Até mesmo a rotina doméstica modificava-se durante a visita do inspetor de ensino e demais autoridades, uma vez que sempre era oferecido aos visitantes um festivo almoço ou, dependendo da hora, um farto jantar. Em 1933, o jornal A Tribuna publicou um artigo comentando a realização de um desses exames ao qual estivera presente Arantes na qualidade de inspetor municipal de ensino, e, assim, tornou-se possível compreender algumas das atividades desenvolvidas naquelas ocasiões:

*Depois de um lauto almoço oferecido à comitiva na casa de residência da professora da Escola, senhorita Carmem Pimentel, cuja família foi de uma gentileza inexcelável, iniciaram os trabalhos de exames entre sessenta e dois alunos (...) Terminando esse serviço com todos os requisitos regulamentares, no salão de aulas em um prédio da Fazenda, os visitantes e mais pessoas da localidade, fizeram um lindo passeio até as cascatas do Itabé (...). De regresso daí, foi servida uma xícara de café na propriedade agrícola do sr. Antônio Mendonça em cujo convívio se passou uma hora agradável. Servido o jantar ainda em casa da família Pimentel, os visitantes e examinadores às vinte horas deixaram esse admirável núcleo populoso muito precisamente denominado Paraíso (Instrução, 1933).*

Comemorava-se, pois, o encerramento de mais um ano de trabalhos escolares e, principalmente, a visita de pessoas ilustres a um meio em que a simplicidade dos habitantes, aliada à rotina de suas tarefas, tornava aquelas ocasiões momentos inigualáveis. Algumas professoras que trabalharam nas escolas rurais no estado de Minas Gerais formularam representações acerca dos anos em atuaram no magistério e, dentre essas representações, Fortes destacou a impressão deixada pelas visitas dos inspetores de ensino:

*Localizadas em pequenos núcleos povoados e fazendas geralmente distantes das cidades, essas escolas rurais, entregues aos cuidados de uma única professora, recebiam, de vez em quando, uma visita importante: o inspetor, elo entre a escola e o poder central estadual ou municipal. Apesar de serem esparsas as visitas de inspeção, quebrava-se a rotina da escola rural com a chegada do inspetor. A professora se via, de repente, às voltas com um visitante que, mesmo não participando do dia-a-dia da escola e das dificuldades que surgiam, tinha poder de interferir e fiscalizar o trabalho ali realizado (FORTES, 1993/1994, p. 85).*

As fotografias eram, portanto, tiradas em um momento muito especial, pois esses exames representavam para a comunidade escolar uma cerimônia revestida de respeito, na qual todos os participantes tinham a preocupação de apresentar-se da melhor forma possível, e, ao fotografar as escolas apenas nesses instantes extraordinários, Arantes legou uma imagem da educação rural mantida pelo município que não correspondia ao cotidiano mais rotineiro daquelas escolas. As imagens constituíam-se antes em instantâneos de uma situação inabitual, obtidos por meio de uma encenação cujo cenário e figurinos eram muito bem dirigidos. Conforme ressaltou Kossoy, as fotografias "... mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética/ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência" (2002, p. 21).

Era, então, a imagem congelada das escolas rurais em dias festivos, em momentos excepcionais, que parece ter sido eleita por Arantes para retratar a situação do ensino municipal em Uberlândia na época em que ele foi uma de suas principais autoridades. Ao tentar cristalizar, por meio do registro fotográfico, a representação das escolas municipais como locus da disciplina, da abastança e da harmonia, ele, ao mesmo tempo, produziu a representação de seu trabalho como fonte do sucesso dessas instituições de ensino. Não era sem motivo que, em quase todas as fotografias Arantes estava presente, ora sentava-se entre os alunos, dividindo as duas fileiras que, em geral, caracterizava a organização e disposição dos sujeitos fotografados, ora permanecia de pé, ao lado das demais autoridades que compunham a comitiva do Serviço de Educação e Saúde do Município.



Figura 5 – Alunos e professores da Escola Rural de Paraíso. Sem data. CPJA, APU

Dessa forma, parecia não ser suficiente deixar registrada a imagem dos alunos e professores para dar visibilidade ao seu trabalho, era necessário também imprimir a sua figura no centro da comunidade escolar para deixar marcada a relação hierárquica que presidia a organização da escola, conforme exemplificamos com a apresentação das duas fotografias reproduzidas, uma acima e a outra a seguir. Na primeira ele aparece vestindo terno escuro, gravata e na segunda, já com aparência bem mais velha, vestia um terno claro e, como de hábito, não dispensava a gravata. Em ambas as fotos Arantes está sentado no centro e à frente dos alunos



Figura 6 – Alunos e professores da Escola Municipal Rural de Olhos D’Água. Sem data. CPJA. APU

As imagens pareciam ter como função comprovar a veracidade das informações impressas, pois não se podia por em questão o que revelavam. Conforme comentou Kossoy: “Graças a sua natureza fisicoquímica – e hoje eletrônica – de registrar aspectos (selecionados) do real, tal como estes de fato se parecem, a fotografia ganhou elevado status de credibilidade” (2002, p. 19). Nesse sentido, as imagens, como foi o caso das fotografias retratando as escolas rurais, tinham como função produzir elas mesmas uma verdade, pois, a realidade que revelavam parecia não ter existência concreta fora do alcance da objetiva do fotógrafo que acompanhava Arantes. De acordo com Chauí, fizemos da “...verdade o equivalente da visão perfeita. (...) cremos que as coisas e os outros existem porque os vemos e que os vemos porque existem” (2000, p. 31). Desta forma, bastaria olhar as fotografias das escolas rurais para certificar-se do pleno funcionamento do universo que elas pretendiam revelar.

Arantes transformava a iconografia fotográfica em monumento, harmonizando-se primeiro com todos aqueles herdeiros da tradição aristotélica que depositavam no olhar a capacidade de apreender o conhecimento da verdade (CHAUÍ, 2000). Pois a impressão que se tem ao analisar essa centralidade ocupada pelas imagens fotográficas em suas produções é que, para ele, assim como para uma certa vertente do pensamento ocidental que encontrou em Aristóteles um de seus teóricos, o olhar se sobrepõe aos outros quatro sentidos por ser o olho o instrumento mais capaz de discernir e, por isso, o mais apto para aproximar o homem do conhecimento. Por outro lado, a insistência de Arantes em empregar as fotografias como registro guarda relação com aqueles que mitificaram a imagem mecânica nas primeiras décadas do século XX, pois, nesse período, “... a aparência de 'evidência' que adquiria qualquer cena fotografada, foi a regra” (SÜSSEKIND, 1987, p. 35-36).

Portanto, ao produzir os documentos visuais das escolas instaladas no meio rural, Arantes servia-se de um instrumento que gozava de enorme prestígio e credibilidade em sua época, a fotografia. Por meio desta, ele não só deixou registradas as pistas para investigar a sua trajetória no campo da educação municipal e, por conseguinte, para se compreender e avaliar seu trabalho, como, também, engendrou um acervo iconográfico volumoso, fonte inesgotável de pesquisa, ou, como disse Certeau (2002, p. 82): construiu “uma 'máquina gigantesca' a qual tornará possível uma outra história”. Concluímos, então, que esta “máquina gigantesca” produzida por Arantes engendra a possibilidade de se escrever uma outra história para a educação em Uberlândia que pode ser renovada tanto no que diz respeito ao objeto de pesquisa quanto no que concerne à fonte.

No tocante à contribuição das fotografias de Arantes para a ampliação dos objetos de pesquisa em História da Educação, ressaltamos que as imagens apresentam como tema o universo da escola rural. Embora esta tenha sido uma instituição de ensino essencial na formação escolar da maioria da população local até o final da primeira metade do século XX, a sua história permaneceu alijada de nossas pesquisas. Conquanto até o final dos anos de 1950 a maioria da população habitasse o campo e as crianças freqüentassem as escolas ali instaladas, desconhecemos o universo do ensino rural, ignoramos o cotidiano das escolas, seu currículo, o fazer dos professores e dos alunos. As escolas fotografadas eram quase “anônimas”, tal qual os primeiros indivíduos flagrados pela “câmara escura” de quem nos fala Benjamin: “As primeiras pessoas reproduzidas entravam nas fotos sem que nada se soubesse sobre sua vida passada, sem nenhum escrito que as identificasse” (1986, p. 95).

As imagens que ora analisamos possibilitam identificar alguns aspectos das escolas retratadas e ir ao encontro dos aspectos que conformaram aquela “cultura escolar” (apreendida aqui no sentido que lhe confere Julia: “... como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (2001, p. 9)). Assim, a possibilidade de ampliação do objeto de pesquisa, pode, por um lado, auxiliar a compreensão das representações e das práticas produzidas pelos sujeitos das escolas rurais e de outro aquilatar o papel daquela instituição no processo de escolarização da sociedade local, pode, enfim, retirar do anonimato sujeitos, escolas e culturas que perpassaram o universo do ensino rural em Uberlândia.

Quanto ao segundo aspecto, qual seja o uso da imagem como fonte, embora muito discutida atualmente, conforme salientamos, o emprego da fotografia ainda não é corrente nas pesquisas. As investigações acerca da história da educação em nível local ainda não incorporam a fotografia e, por conseguinte, não exploram as possibilidades de ampliação das problematizações possibilitada pelo uso da imagem. “Diante de um predomínio ou de uma tradição no uso de fontes escritas, mesmo sendo tão antigas quanto a presença do homem na terra, as imagens são ainda consideradas um campo relativamente novo no âmbito da História” (PESAVENTO, 2005, p. 84). Não desconsideramos que esta “novidade” da fonte possa concorrer para que seja repelida entre os pesquisadores. Além desse aspecto, pensamos que as inúmeras particularidades metodológicas e também epistemológicas que envolvem o emprego da imagem também contribuam para sua rejeição. Mas, por outro lado, não podemos nos limitar pelas dificuldades, afinal, subjaz a qualquer documento, seja ele escrito e/ou oral, complexidades que cabe ao pesquisador deslindar.

*Assim como as demais fontes de informação histórica, as fotografias não podem ser aceitas imediatamente como espelhos fiéis dos fatos. Assim como os demais documentos elas são plenas de ambigüidades, portadoras de significados não explícitos e de omissões pensadas, calculadas que aguardam pela competente decifração (KOSSOY, 2002, p. 22).*

Desse modo, o emprego da iconografia requer o mesmo rigor observado quando recorremos a outros indícios, tais como, jornais, revistas, atas, correspondências, relatórios de inspeção, livros didáticos, diários, cadernos de anotações, depoimentos e entrevistas. Sejam, então, as nossas fontes oriundas da tradição escrita, sejam provenientes da inovação proposta pela história cultural, o que irá definir a sua contribuição para nossas investigações será a capacidade de fazê-las “falar”, de retirar informações que não poderiam ser encontradas na superfície.

Em síntese, o emprego das fotografias como fonte pode possibilitar a compreensão do universo escolar em uma dimensão mais ampliada, pois as imagens podem ser analisadas como dispositivos que servem tanto para demonstrar quanto para construir representações dos sujeitos e dos espaços escolares. Essas representações permitem apreender noções de hierarquia, relações de poder, envolvimento da comunidade com a escola, dimensões estéticas – que se voltam para os aspectos das vestimentas, dos uniformes, dos gestos e das posturas, por exemplo – enfim, detalhes que compõem a cultura escolar e que, no entanto, buscávamos apenas nos textos escritos.

### Fontes

ARANTES, Delvar (2000): depoimento [maio 2000]. Entrevistador: Sandra Cristina F. de Lima. Uberlândia. 2 fitas cassete (120 min), estéreo.

GUIMARÃES, Honório (1941). [carta]. Belo Horizonte, 12 set. Carta a Jerônimo Arantes agradecendo-lhe a homenagem recebida na *Uberlândia Ilustrada* de n.º 10, informando-lhe sobre os projetos que estava desenvolvendo na capital mineira e comunicando-lhe que enviaria alguns clichês, assim que encontrasse “portador seguro”. APU. CPJA. PT.

GUIMARÃES, Neném (1942). [carta]. Araguari, 11 dez. Carta a Jerônimo Arantes comentando o esclarecimento de um mal entendido que havia ocorrido entre ambos e comunicando-lhe que em breve enviaria, conforme solicitado, uma fotografia sua a fim de ilustrar a próxima edição da *Uberlândia Ilustrada*. APU. CPJA. PT.

INSTRUÇÃO Municipal (1933). *A Tribuna*, Uberlândia, não paginado, 03 dez. APU. CPJA.

LOPES, Valéria Maria Queiróz C. (2006). Informação verbal sobre o projeto de identificação das fotografias da CPJA. Uberlândia, 13 de mar.

PAES LEME, Fernando Monteiro [195-]. [carta]. [S.l.]. Carta a Jerônimo Arantes fornecendo-lhe dados sobre a história do atletismo em Uberlândia e enviando-lhe fotografias do primeiro campeonato de atletismo realizado na cidade e também cópia da ata de instalação da Sociedade Esparta-Brasileira. APU. CPJA. PT.

SILVEIRA, Gladys (1958). [carta]. Araguari, 9 jun.. Carta a Jerônimo Arantes enviando-lhe, conforme solicitado, fotografia a fim de ilustrar a homenagem programada para a próxima edição da *Uberlândia Ilustrada*. APU. CPJA. PT.

UBERLÂNDIA (1942). Prefeitura Municipal. Ata de exames realizados no dia 16 nov. Uberlândia, Livro 101, p. 5. APU. ARE.

UBERLÂNDIA (1946). Prefeitura Municipal. Ata de exames realizados no dia 03 dez., Uberlândia, Livro 101, p. 24-25. APU. ARE.

### Referências Bibliográficas

ALVES, Josefa Aparecida (2004). *Sociabilidades urbanas: o olhar, a voz e a memória da praça Tubal Vilela (1930-1962)*. (2004). Dissertação (Mestrado) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

- BARROS, Armando Martins de (2005). Álbuns fotográficos com motivos escolares. GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs.). História da educação em perspectiva – ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Uberlândia: EDUFU, Campinas: Autores Associados, p. 117-132.
- BENJAMIN, Walter (1986). Pequena história da fotografia. In: Benjamin, W. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, v. 1, p. 91-107.
- BLOCH, Marc (s.d.). Uma introdução à história. Lisboa: Edições 70.
- BORGES, Maria Eliza Linhares (2005). História & Fotografia. Belo Horizonte: Autêntica.
- BURKE, Peter. (2004). Testemunha ocular: História e Imagem. Bauru: EDUSC.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. (1990). Iconografia e história. Artigos & Ensaio. Campinas: Papyrus, n. 1, p. 9-17.
- CARRIJO, Gilson Goulart (2002). Fotografia e a invenção do espaço urbano: considerações sobre a relação entre estética e política. 2002. Dissertação (Mestrado) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- CERTEAU, Michel de (2002). A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- CHAUÍ, Marilena (2000). Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto (Org.). O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras.
- FERRO, Marc (1986). O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. História: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- FORTES, Maria de Fátima A. (1993, 1994). Escola rural mineira: observações produzidas a partir de depoimentos de antigas professoras. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 18, n. 19, p. 80-92, dez. / jun.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de (1991). Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio.
- JULIA, D. (2001). A cultura escolar como objeto histórico. Trad. Gisele de Souza. Revista Brasileira de História da Educação, n. 01, Sociedade Brasileira de História da Educação SBHE, jan-jul, p. 9-43.
- KOSSOY, Boris (2002). Realidades e ficções na trama fotográfica. Cotia: Ateliê Editorial.
- LE GOFF, Jacques (1998). Uma vida para a história: conversações com Marc Heurgon. São Paulo: UNESP.
- PAIVA, Eduardo França (2004). História & Imagens. Belo Horizonte: Autêntica.
- RANCIÈRE, Jacques (1994). Os nomes da história: um ensaio de poética do saber. São Paulo: EDUC; Pontes.
- REDUCINO, Marileusa de Oliveira (2003). Uma praça e seu entorno: plasticidades efêmeras do urbano. Uberlândia - século XX. 2003. Dissertação (Mestrado) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- SAMUEL, Raphael. (1997). Teatros de memória. Projeto História – cultura e representação. São Paulo, n. 14, p. 41-88, fev.
- SÜSSEKIND, Flora (1987). Cinematógrafo das letras: Literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras.